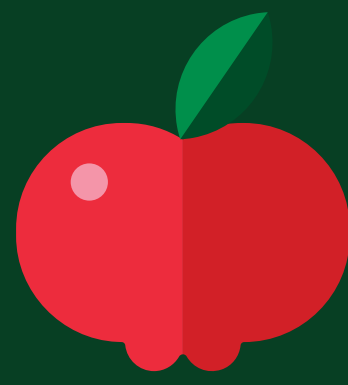
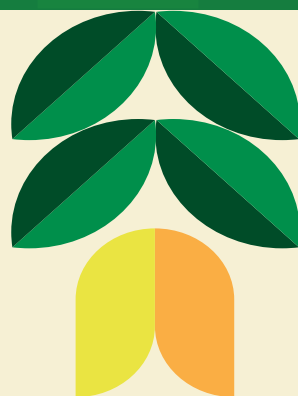
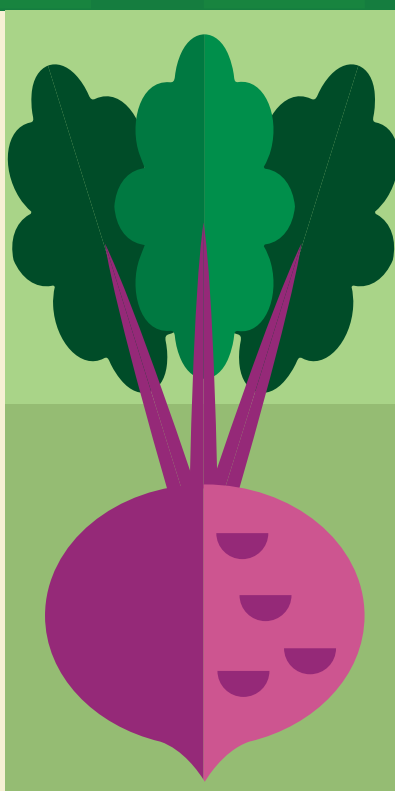
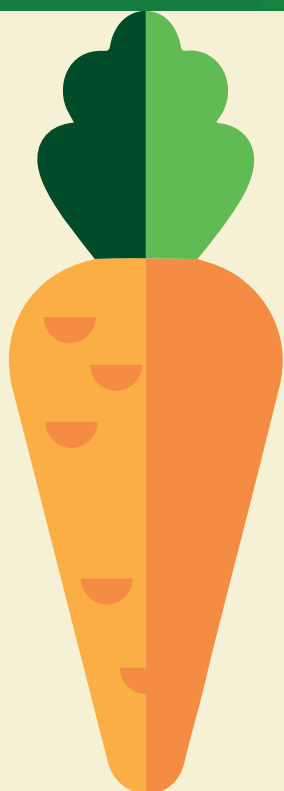


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, o mês de setembro registou amplitudes térmicas significativas, com temperaturas diurnas elevadas e temperaturas noturnas frescas e húmidas. A temperatura máxima média rondou os 26,5^º C, e a mínima média 11.^º C. A precipitação ocorreu nos dias 7 e 28, neste último associado à tempestade Gabrielle, acompanhada de fortes rajadas de vento, que provocou a queda de azeitona e o acamamento de alguns arrozais, mas sem ter causado prejuízos significativos destas culturas. De um modo geral, o estado do tempo em setembro permitiu a continuação das colheitas de milho silagem, de batata de regadio, o término das vindimas, bem como a realização de algumas sementeiras de hortícolas.

Nas **zonas de transição**, o mês foi relativamente estável em termos climatéricos, sem ondas de calor e com temperaturas normais para a época, com máximas próximas dos 30.^ºC nalgumas zonas e mínimas acima dos 10.^ºC, salvo no Alto Mondego e Beira Serra, onde as temperaturas mínimas baixaram aos 5.^ºC, em 5 dias. A precipitação foi residual, no fim do mês, associado à tempestade Gabrielle. As noites orvalhadas ajudaram a regular as culturas, atenuando o stress hídrico que vinha dos meses anteriores. As condições foram, no geral, favoráveis ao desenvolvimento das culturas agrícolas. Nas zonas mais a norte, os prados e pastagens, verificou-se um bom desenvolvimento vegetativo, dada a humidade acumulada; mais a sul, as pastagens e forragens de sequeiro foram rapadas pelos animais, as poucas que ficaram, estão secas. No olival, as temperaturas elevadas registadas até ao final de agosto contribuíram para a limitação dos problemas fitossanitários, no entanto, as condições atuais e as temperaturas amenas poderão favorecer o desenvolvimento de pragas e ou doenças. Na vinha, estão concluídas as vindimas, com estimativas de maior quantidade e melhor qualidade da uva, face ao ano transacto. A cultura do castanheiro segue no estado fenológico de desenvolvimento do fruto, ainda que nas variedades mais precoces já se tenha iniciado a colheita do fruto – a onda de calor terá acelerado a maturação. Na cultura da noqueira, o fruto encontra-se em fase adiantada do seu desenvolvimento,

estimando-se a colheita para meados de outubro. Também já se iniciou a colheita das outras frutas de outono, nomeadamente o medronho, o diospiro e a romã.

Nas **zonas do interior**, o mês de setembro caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias superiores às registadas em igual período de 2024 e precipitação escassa, salvo nos dias 27 e 28, associada à tempestade Gabrielle. A escassa precipitação acompanhada de temperaturas com valores acima do normal para a época, por vezes com ventos moderados a fortes, contribuíram ainda mais para a rápida secagem das culturas forrageiras de sequeiro ainda existentes e das pastagens de sequeiro existentes em solos mais frescos, principalmente a norte da Cova da Beira e na Serra da Estrela. Estes fatores agravaram também alguns problemas de queda de azeitona, o aparecimento da mosca-da-azeitona, da fruta e o bichado, nomeadamente maçã e pêra. O estado do tempo permitiu a realização das vindimas e a colheita do feijão, mas comprometeu a preparação das terras para as sementeiras outono-invernais. Importa salientar a ocorrência de incêndios de grandes proporções que fustigaram áreas significativas, essencialmente de floresta e matos, mas, também de pomares e vinhas, de culturas arvenses e pastagens, de hortas familiares, integrantes dos sistemas policulturais tradicionais, base da sustentabilidade alimentar de famílias que ainda povoam o interior do nosso território.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de setembro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de setembro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições climáticas contribuíram para o aparecimento de pragas e doenças, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Baixo Mondego (**zonas do litoral**), na cultura do milho, observaram-se focos de vírus do nanismo. Na cultura do arroz, verificou-se elevada presença de infestantes, sobretudo milhã. Na pera ocorreram quebras de produção associada ao fogo bacteriano.
- No Pinhal Litoral (**zonas do litoral**), continua sem controlo a contaminação de fogo bacteriano nas pereiras e já existem registo do seu aparecimento nas macieiras. A estenfiliose também continua a ser uma grande preocupação para os fruticultores.
- No Pinhal (**zonas de transição**), a maioria dos ciclos culturais já terminou ou aproxima-se do seu término. Nesse sentido, os tratamentos fitossanitários ocorridos neste mês incidiram sobretudo no olival – ainda que o intervalo de segurança seja já um factor limitativo nesta fase adiantada. As principais preocupações dos olivicultores são a mosca da azeitona e a gafa (não descurando igualmente da cercosporiose e do olho de pavão).
- No Pinhal Sul (**zonas de transição**), no olival, as condições climáticas foram favoráveis a ataques de mosca da azeitona, na cultivar cordovil de castelo branco, já se observam muitas posturas e galerias de mosca da azeitona, ultrapassando em muito os 8% do Nível Económico de Ataque (NEA), havendo uma necessidade de efectuar tratamento

fitossanitário, juntando também um produto à base de cobre, para prevenir ataques de gafa. Nas fruteiras (macieiras e pereiras) já estão a ser colhidas as cultivares mais precoces. Nas cultivares mais tardias renovaram o tratamento contra o bichado da fruta.

- Na Campina e Campo Albiense (zonas de interior), são recomendados tratamentos preventivos para a mosca da azeitona. São visíveis picadas da mosca, sobretudo em certas variedades.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climáticas verificadas durante o mês permitiram que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas.

Em relação a outros prejuízos para além do normal, destacam-se os incêndios que destruíram, em algumas zonas, a totalidade da floresta e diversas culturas agrícolas. No Pinhal Sul (**zona de transição**), continuam a ser reportados prejuízos causados pelos javalis, nomeadamente em algumas vinhas, mas também nos cereais de praga, milho e mesmo fruteiras (há fruticultores e viticultores a utilizar cercas elétricas, para a proteção das culturas). No Alto Dão-Lafões (**zona de transição**), há que destacar igualmente a destruição provocada pelos incêndios em alguns pomares de macieiras, soitos de castanhas, vinhas e pastagens.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de setembro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Citrinos – mosca-do-mediterrâneo, gomose basal ou parasitária dos citrinos, míldio ou aguado, rachamento dos frutos.

Olival – mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae*), gafa (*Colletotrichum spp.*), olho-de-pavão (*Spilocea oleaginea*) e cercosporiose (*Pseudocercospora cladosporioides*).

Pomóideas (macieiras/pereiras) – bichado-da-fruta (*Cydia pomonella*), mosca-do-mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), doenças de conservação.

Prunóideas – nas cerejeiras: cancro bacteriano (*Pseudomonas syringae*).

Vinha – podridão-cinzenta (*Botrytis cinerea*), Flavescência-Dourada, doenças do lenho (esca e escoriose).

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, feno, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a escassez de pluviosidade, associada a temperaturas médias altas e/ou amenas, influenciaram o estado das pastagens de sequeiro, assim como, dos prados e pastagens permanentes espontâneas onde se sente algum stress hídrico em parcelas arenosas ou em cotas mais altas. A colheita do milho forrageiro de sequeiro iniciado no último mês está praticamente terminada e o





de regadio ainda está a decorrer, prevendo-se uma produção semelhante ao do ano anterior, assim como, a sua qualidade. Nas espécies pecuárias, a alimentação animal recorre em grande parte, ao pastoreio directo complementada com fenos e palhas, a silagens e rações industriais.

No Baixo Mondego, as culturas pratenses revelaram regular desenvolvimento vegetativo. A alimentação animal baseia-se sobretudo em fenos, forragens conservadas e adequados arraçoamentos, bem como no pastoreio directo onde é possível. O abeberamento animal continua a estar assegurado.

No Pinhal Litoral, a continuação de tempo seco tem interferido com o desenvolvimento destas culturas, ainda que a escassa precipitação e o aumento da humidade noturna tenham permitido a emergência e crescimento das espécies de outono-inverno que compõem as pastagens temporárias, permanentes e permanentes pobres. As parcelas semeadas com milho estão atualmente a ser utilizadas para pastoreio directo pelos ovinos, o que se tornou uma prática frequente. No geral, considera-se que a contribuição da matéria verde na alimentação animal é idêntica, em comparação com o mesmo período do ano anterior. A colheita dos milhos destinados a silagem está praticamente concluída e estima-se uma produção com redução de cerca de 20% comparativamente ao ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, as forragens já estão cortadas e enfardadas. O agricultor não ficou desagradado com as quantidades, que se podem equiparar ao ano anterior (ainda que este ano não se tenha produzido feno-silagem), no entanto, a qualidade não foi a desejada. O ciclo anual das culturas forrageiras iniciou-se com algumas dificuldades, desde a impossibilidade em preparar os terrenos até a germinações fracas devido ao excesso de água nos solos. As temperaturas tendencialmente mais baixas, muita nebulosidade e a permanente chuva dos primeiros meses do ano, também condicionaram o desenvolvimento vegetativo nessa fase, impossibilitando um primeiro corte para feno-silagem. Finalmente com a primavera já em curso, com temperaturas mais amenas, humidade nos solos e períodos mais distribuídos de precipitação, dias mais longos e mais horas de insolação, as culturas recuperaram bem e a nível de quantidade de produção de matéria verde, o ano acabou por ser satisfatório. Contudo, a impossibilidade de entrar com a maquinaria nos terrenos, no período desejável – ainda fruto da quantidade de água nos solos – e os picos de calor que aceleraram o espigamento, fizeram com que o feno não tivesse a qualidade pretendida. Não havendo condições para um segundo corte, os terrenos estão nesta fase em pousio ou dedicados a algum pastoreio, sobretudo nas pastagens espontâneas ou em regime plurianual de sequeiro, embora o calor extremo e a redução de humidade nos solos, tenham condicionado a produção de matéria, não se verificando ainda a coloração verde na vegetação, salvo alguma zona de maior humidade. Os agricultores começam a preparar o próximo ciclo cultural, avaliando o período para as primeiras sementeiras.

No Alto Mondego e Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras apresentaram boas produções, estando já armazenados. O pastoreio mesmo nos matos, é já impraticável, até as giestas estão a fenecer com falta



de humidade nos solos. Os pastos estão fenecidos e já totalmente rapados. O consumo de feno e de rações industriais é agora bastante superior ao do ano passado.

No Alto e Baixo Dão-Lafões, as condições climáticas foram marcadas por temperaturas elevadas, causando impacto no desenvolvimento vegetativo dos prados, pastagens e forragens, encontrando-se, maioritariamente, secas. Os prados de regadio como o sorgo e o milho, mantiveram um crescimento razoável, com aumento de produtividade em cerca de 5%, devido às temperaturas adequadas e à água existente para rega. No Alto Dão Lafões (concelho de Aguiar da Beira e parte do Sátão) algumas pastagens e prados foram afetados pelos incêndios. As previsões são de mais de 30 ha afetados, causando um aumento da dependência de fenos, silagens e rações industriais. A produção teve uma baixa de cerca de 30%.

No Pinhal Sul, as pastagens e prados naturais estão rapados, a alimentação dos animais já é muito escassa no campo, aparecendo algumas milharadas. Os terrenos estão demasiado secos, devido à ausência de precipitação, ao calor e ao vento que se tem verificado. Os efetivos animais estão a ser alimentados com palha, feno, milho grão e rações de granulado. Alguns agricultores já começaram a mobilizar terras para as sementeiras de forrageiras de outono/inverno.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, estas culturas apresentam fraco aspeto vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Nota-se um grande stress hídrico devido ao excesso de calor e falta de água. Nas zonas que foram consumidas pelos incêndios a situação é mais grave, pois há aldeias onde foram queimadas 100% das forragens permanentes, nomeadamente lameiros e pastagens pobres e mesmo até forragens que já estavam colhidas e

armazenadas para alimentação do efectivo durante o ano. Há zonas onde existem sérios problemas na alimentação do efectivo.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as culturas forrageiras e pratenses semeadas de regadio tiveram um desenvolvimento normal para a época, apenas afectado pelas temperaturas altas para a época que se fizeram sentir, assim como os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro, das zonas mais frescas e húmidas, principalmente na Serra da Estrela. As pastagens e prados de sequeiro encontram-se praticamente pastoreados na totalidade ou destruídos pelos fogos. Estima-se que a disponibilidade de fenos pastoreados e enfardados seja significativamente inferior nas zonas oeste das zonas homogéneas da Cova da Beira e norte e oeste da Serra da Estrela, relativamente ao ano anterior, devido aos incêndios ocorridos. Também arderam manchas de carvalhos que no outono forneciam bolota, um complemento alimentar com grande importância na alimentação quer de pequenos ruminantes, quer de bovinos. Este mês houve uma maior utilização de alimentos conservados ou rações em cerca de 50%. O recurso ao pastoreio directo para a alimentação animal, nomeadamente nos restolhos das culturas cerealíferas ou forrageiras de corte é muito menor do que a registado o ano transacto. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer a rações e outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção das pastagens e culturas forrageiras, assim como, a alimentação das espécies pecuárias estão dentro do normal para a presente época do ano. A produção das pastagens de sequeiro, mais representativas na região (comparativamente às de regadio) foi muito boa. Em certas explorações ainda são pastoreadas pelos efectivos pecuários conjuntamente com as

milharadas, sorgo e os restolhos dos fenos e cereais. Da dieta alimentar fazem também parte rações, fenos e silagens essencialmente para os animais em produção (carne e leite). Nas explorações onde o pasto começa a escassear o fornecimento de alimentos à manjedoura (ou directamente nos locais de pastoreio) é maior do que nos casos onde existe possibilidade de pastoreio.

4-f – Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as colheitas destas culturas estão concluídas. Resultado de uma primavera bastante húmida seguida de um verão quente e seco a produção da aveia foi prejudicada em cerca de 20% em relação ao último ano 2024, no entanto, a sua qualidade manteve-se. Também a produção de trigo e tritcale foi afectada na mesma proporção, como já se tinha referido no relatório de agosto, mas com qualidade idêntica.

No Baixo Mondego, estão concluídas as colheitas dos cereais praganosos, com boa qualidade e produções semelhantes às do ano passado.

No Pinhal Litoral, também estas culturas já tiveram as suas colheitas concluídas. De realçar que a sua maioria se destina ao autoconsumo e à utilização interna nas próprias explorações agrícolas. A colheita foi concluída sem percalços, mas, com produtividades com comportamento distinto consoante a espécie em relação ao ano anterior [trigo é inferior (- 5%), tritcale, centeio, cevada e aveia é superior (+ 11%, + 10%, + 10%, + 20%, respectivamente)]. É importante salientar, mais uma vez, que na presente campanha, tal como nas anteriores, continua a ser observado um aumento significativo dos danos causados por algumas espécies cinegéticas, nomeadamente javalis.

Nas **zonas de transição**, de um modo geral, a colheita dos cereais de outono-inverno está concluída e decorreu sem constrangimentos.

No Alto Mondego e na Beira Serra, as culturas cerealíferas colhidas, apresentando melhores produções que o ano anterior.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, está na fase final da campanha cerealífera de praganosos, com as colheitas concluídas na maioria das explorações. Os cereais mais representativos, são o centeio, trigo, cevada, aveia e tritcale. Em relação ao trigo, centeio e cevada, a produtividade é idêntica ao ano anterior, quanto à aveia e ao tritcale há uma diminuição de cerca de 5% e 10%, respectivamente, sendo as causas principais as temperaturas elevadas e a falta de precipitação. Em



relação ao tritcale há, também, a registar uma diminuição (10%) de área semeada. Já se começam a preparar algumas terras para a sementeira de pastagens de sequeiro e forragens.

No Pinhal Sul, as condições climáticas permitiram que os cereais de outono/inverno tivessem desenvolvimento normal, mas, os ataques de javalis nas culturas de cereais para grão levaram a que os agricultores transformassem estes cereais, em fenos.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as colheitas foram efectuadas antes dos incêndios, com produções idênticas ao ano anterior, e boa qualidade.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, estas culturas estão terminadas em ambas as zonas homogêneas. As produtividades foram superiores em cerca de 10%, relativamente ao ano anterior na aveia, no centeio e no tritcale, na Cova da Beira. Na Serra da Estrela, a produtividade do centeio foi idêntica à de 2024, a do azevém, cerca de 15% superior e a da aveia e tritcale foi inferior cerca de 5%.

Na Campina e Campo Albicastrense, nos cereais praganosos a produtividade foi semelhante ao ano anterior, com valores considerados normais para a região. A qualidade do grão foi boa.

5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal litoral, a estimativa aponta para uma produção igual à existente no ano anterior quer para a avelã quer para a castanha.

Nas zonas de transição, no Pinhal, ultrapassadas as dificuldades dos anteriores meses ao nível dos stresses hídrico e térmico, a cultura da noqueira teve um desenvolvimento normal. A parte vegetativa recuperou (a murchidão foliar que se verificava no anterior mês foi atenuada) e já não ocorreu queda de folha ou de fruto. Importa referir que os poucos agricultores com alguma expressão, optam por podas anuais, não permitindo um crescimento demasiado alto das árvores, indicando que este factor permite uma maior capacidade de resposta da árvore aos picos de calor e à escassez de precipitação. Não há indicação de problemas fitossanitários significativos a referir, ainda que a presença de algumas pragas e doenças (sobretudo a bacteriose) seja comum. Quem teve possibilidade, efectuou um último tratamento fitossanitário neste ciclo cultural. Relativamente à quantidade de fruto na variedade Lara (a mais comum na zona) mantém-se o optimismo para uma maior produção que no ano anterior. A





colheita está prevista para meados de outubro. Na castanha, a colheita já se iniciou nas variedades mais temporãs. Tanto a queda de fruto antes do seu amadurecimento como a queda de folha, não foram significativas, mesmo tendo ocorrido durante o ciclo cultural, alguns episódios severos (altas temperaturas, períodos longos sem precipitação e períodos extremamente ventosos). Nesse sentido, a perspectiva de produção é favorável, ainda que o calibre do fruto (factor importante na comercialização) seja incerto.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico – crescimento dos ouriços; e as amendoeiras encontram-se colhidas.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o calor do verão prejudicou o vingamento dos frutos mas, ainda assim, tanto a avelã como a castanha, apresentam bom desenvolvimento vegetativo. Quanto à avelã, prevê-se boa qualidade e uma produtividade semelhante à do ano anterior. Em relação à castanha, apesar da previsão ser de boa qualidade, a produção deverá registar uma diminuição de cerca de 5% em relação ao ano passado, dado que na região onde há maior produção de castanha, Aguiar da Beira, os incêndios atingiram cerca de 50 ha (cerca de 10 ha eram soitos novos).

No Pinhal Sul, as condições climáticas têm sido favoráveis, houve um bom vingamento, os castanheiros apresentam uma grande quantidade de ouriços, bem desenvolvidos, estimando-se uma produção superior à de 2024. As aveleiras são

árvores com dimensões elevadas, e a sua produção foi idêntica de 2024. A produção de amêndoa perdeu-se na totalidade, devido aos ataques de pegas azuis e esquilos.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, na amêndoa haverá aumento da produtividade, aguardando-se pela conclusão das colheitas para se poder avaliar melhor a sua expressão. A influência dos fatores climáticos, nomeadamente a falta de frio, mas, sobretudo a chuva na floração impediu aumentos maiores da produtividade, já que se tratam de pomares novos que na sua maioria ainda não estão em plena produção.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as amendoeiras apresentam um fraco estado vegetativo devido ao calor intenso que se verificou durante quase todo o mês, tendo algumas áreas sido afectadas pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogêneas. Assim, estima-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, conforme descrito no relatório anterior, os incêndios destruíram soutos de castanheiros na Serra da Estrela e pomares essencialmente de cerejeiras em todo ou em parte, principalmente na Cova da Beira. Os castanheiros, apresentam bastantes ouriços. No entanto, a castanha está miúda devido à falta de chuva, estimando-se uma quebra na produtividade entre 20% a 30%. Os pomares de aveleiras que já vão tendo expressão na Cova da Beira, estão na fase de colheita e apresentam uma produção normal, proporcional

à sua idade. A colheita das amendoeiras na Cova da Beira está terminada, verificando-se uma grande heterogeneidade dos calibres do miolo, provavelmente originado pelo excesso de calor em julho e agosto, estimando-se uma quebra de produtividade, em termos gerais, superior ao que estava previsto, ou seja, na ordem dos 50%, em relação ao ano transacto.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, os pomares de citrinos, encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, depois da floração e vingamento favoráveis, segue o bom desenvolvimento do fruto. Contudo, ainda é cedo para perspectivar qual será a produção, por todos os factores que ainda intervirão no ciclo cultural. Nesta fase deve proteger-se as culturas, quer do mildio (caso se aproximem períodos de chuva), quer da mosca-da-fruta.

No Pinhal Sul, os limões têm uma produção normal, mas, ainda estão com uma cor verde.

• Pomares de Kiwis

Nas **zonas do litoral**, os pomares encontram-se na fase de frutos em crescimento.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M - fruto em crescimento. Os

frutos apresentam boa qualidade e a previsão é de uma produção idêntica ao ano anterior.

No Pinhal Sul, nos kiwis estima-se uma quebra de produção, relativamente a 2024, porque caiu uma grande quantidade de granizo, na zona de Cernache do Bonjardim, provocando a queda de muitos frutos e deixando marcas nos restantes.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas de transição**, está concluída a colheita das prunóideas. Nos pomares de pessegueiros e nectarinas ocorreu uma quebra de produção em relação ao ano anterior, sobretudo devido aos ataques de lepra no início do ciclo vegetativo o que levou à queda prematura de folhas e frutos.

Nas **zonas do interior**, no pêssego há diminuição da produção, sendo a redução maior nas variedades precoces do que nas tardias, em virtude de as primeiras terem sido sujeitas a muita chuva na floração e em maior quantidade comparativamente às variedades tardias.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, crescem os prejuízos causados pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogêneas.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, estima-se uma quebra geral de produtividade relativamente a 2024, nos pêssegos e nectarinas de cerca de 25%, na Serra da Estrela e de cerca de 40% na Cova da Beira, assim como, de 40% para



a ameixa, também nesta última zona homogénea., onde a cultura é expressiva.

• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, a colheita quer das macieiras quer das pereiras está concluída, com produção idêntica à do ano transato, mas abaixo do potencial produtivo. Os calibres tal como na maçã são mais pequenos.

No Baixo Mondego, está a decorrer a colheita da maçã constatando-se quebra de produção face ao ano anterior. Terminou a colheita da pera e confirmam-se também quebras significativas na produção, principalmente devido ao fogo bacteriano. Salienta-se que esta doença está a pôr em causa a continuidade desta cultura, que muito preocupa os agricultores da região.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico I – em maturação, as variedades precoces estão já colhidas, e após um interregno de cerca de 10 dias, está a reiniciar-se a colheita das variedades de maturação média. As pereiras encontram-se no estado fenológico I – fruto maturação para as variedades tardias e colhido para as restantes. Os marmeleiros, encontram-se no estado fenológico I – início de maturação.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, já está a decorrer a colheita dos frutos, com a maçã *Gala* a primeira a ser colhida. A produção, tanto das peras como das maçãs é ligeiramente inferior, prevendo-se uma quebra na produção comparativamente ao ano anterior, de 10 e 20%, respectivamente. As condições meteorológicas registadas aceleraram a maturação dos frutos, que passaram de verde para laranja e ou amarelo de forma rápida. No geral, nas macieiras, prevê-se uma quebra de produtividade de cerca de 20%, em relação ao ano anterior, e com reflexos nos próximos 3 anos. No Alto Dão Lafões, mais concretamente na região de Aguiar da Beira, os incêndios atingiram cerca de 5 há, área que deverá ser replantada.

No Pinhal Sul, está-se a colher a maçã, o calibre é médio a pequeno, os frutos apresentam manchas de pedrado e a produção é inferior à de 2024.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as macieiras e pereiras

encontram-se as primeiras na fase final de produção e as segundas na fase produtiva, em ambas as zonas homogéneas. Espera-se uma produtividade nas macieiras muito idêntica à do ano anterior, enquanto que nas pereiras temos um acréscimo de produtividade nas Rocha que são as dominantes, de cerca de 30% na Serra da Estrela, enquanto se estima uma quebra em termos gerais de 25% na Cova da Beira. A qualidade da fruta poderá ser inferior, uma vez que existe algum pedrado em certos pomares, assim como, escaldão.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, estas culturas, apresentam um fraco estado vegetativo, devido ao calor intenso que se verificou durante quase todo o mês, e alguns pomares foram afetados pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogéneas. Assim, calcula-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Na Campina e Campo Albicastrense, na maçã e pera a produtividade é ligeiramente inferior ao ano anterior, consequência da primavera chuvosa e também do calor que se verificou na floração/vingamento.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, as azeitonas continuam na fase de desenvolvimento e apresentam boa qualidade. Ocorreu alguma queda de fruto devido às rajadas de vento associadas à tempestade Gabrielle, mas sem perdas significativas.

No Pinhal Litoral, a produtividade da azeitona destinada à produção de azeite, estima-se que seja ligeiramente superior, a confirmar no mês de outubro junto dos agricultores. Já a produtividade da azeitona de mesa deve manter-se inalterada em relação ao ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a azeitona encontra-se no final do estado fenológico de fruto em crescimento, acumulando gordura e antecedendo a maturação (já se vai verificando a mudança de cor da epiderme nalguns frutos). O mês foi estável ao nível da temperatura, não se tendo identificado ondas de calor que condicionassem o normal desenvolvimento da cultura. A escassa precipitação que ocorreu na 2ª semana do mês e as noites orvalhadas permitiram atenuar o stress hídrico que a cultura

vinha sofrendo nos anteriores meses. Nalguns terrenos observa-se azeitona mais mirrada e engelhada, devido ao impacto das temperaturas dos meses anteriores. Não foi reportada a ocorrência de queda de fruto significativa, ainda que o mês tenha tido alguns dias de vento forte. No geral e dada a proximidade do período de colheita (estima-se que se inicie a partir de meados de outubro), já se pode prever com alguma fiabilidade que a quantidade de fruto será bastante superior ao ano anterior, gerando optimismo nos olivicultores. Ao contrário do ano passado em que se observava grande heterogeneidade de carga em árvores próximas, este ano a quantidade de fruto está mais equilibrada entre árvores. Relativamente à qualidade do fruto, os poucos períodos de precipitação vinham minimizando a proliferação da gafa, contudo, a precipitação ocorrida no fim do mês permitiu a ocorrência de infecções, sobretudo porque há algum fruto picado pela mosca. As condições das próximas semanas deverão ser favoráveis a novos ataques da mosca-da-azeitona. Salienta-se que nem todos os olivicultores efectuem com regularidade, tratamentos fitossanitários para a gafa e a mosca-da-azeitona.

No Alto Mondego e na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico J - frutos em crescimento. A produtividade será menor que no ano passado, e a produção terá um decréscimo acentuado devido à destruição de muitos olivais pelos incêndios que assolaram a região.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, apesar do excesso de chuva na primavera, aquando da fase da floração, e posteriormente picos de calor, as temperaturas moderadas de setembro favoreceram a maturação, pelo que as oliveiras apresentam bom vingamento, com fruto grande em desenvolvimento e ainda verde. Prevê-se, no geral, um aumento de produtividade de azeitona para azeite, relativamente ao ano anterior. Há agricultores que fazem referência a um aumento que pode ir de 30% a 50%, porém, o agricultor com maior área de olival na região, informou que este ano espera uma diminuição de cerca de 30%. Quanto à qualidade, se não houver alteração, deverá ser um ano de boa qualidade de azeitona. Em relação à azeitona de mesa, estima-se uma campanha idêntica à de 2024.

No Pinhal Sul, a produção de azeitona é superior à de 2024. A cultivar *galega* teve uma floração muito abundante, as condições climáticas proporcionaram um bom vingamento estimando-se um aumento de produção de azeitona significativo, para isso, é fundamental efectuar os tratamentos fitossanitários contra a mosca-da-azeitona e contra a gafa. Se os tratamentos não forem realizados, no final da maturação, podemos ter uma percentagem muito elevada de azeitona com mosca e gafa e consequentemente uma perda de produção muito elevada.

Nas **zonas do interior**, a cultura do olival foi fortemente afetada pelos incêndios ocorridos em agosto conforme já tinha sido referido. A violência dos incêndios registados nestas zonas devastou olivais estromes e oliveiras dispersas integradas nos sistemas policulturais tradicionais. Estima-se que nas zonas abrangidas, cerca de 50% a 60% dos olivais e oliveiras dispersas existentes, foram afetadas pelos incêndios. Nos restantes olivais, aqueles que se encontram em bom estado sanitário, o aspeto vegetativo está dentro dos padrões normais da cultura. Em termos gerais, prevê-se uma diminuição da produtividade relativamente ao ano anterior, na Serra da Estrela, de cerca de 15% e de 10% na Cova da Beira.



Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, o olival apresenta um fraco estado vegetativo, sobretudo devido calor intenso que se verificou ao longo do mês. Alguns olivais também foram afetados pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogêneas. Assim, estima-se uma quebra 5% na produtividade/produção.

Na Campina e Campo Albicastrense, espera-se quantidade superior ao ano anterior. A maturação da azeitona está atrasada. No caso da azeitona de mesa, em certos anos, em setembro já se colhe azeitona, situação que nesta campanha não se verifica devido ao atraso da maturação.

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, em particular na Bairrada, a vindima está a decorrer. Nas uvas brancas, a vindima terminada trouxe um aumento de produção de 10% em relação ao ano anterior, contrariamente ao que se previa, e a qualidade da uva também apresentou uma ligeira melhoria em

castas como *Maria Gomes*, *Bical* e *Cerceal*. Nas uvas tintas, a vindima ainda está a decorrer, temia-se que o escaldão pudesse afetar a qualidade, no entanto, quando a desfolha é realizada com sabedoria e rigor evita que tal aconteça. Nas castas de bago graúdo estão a ocorrer dificuldades na maturação, mas, nas castas de bago miúdo há um bom aproveitamento da humidade matinal para aumentar o teor de açúcar, prevendo-se um aumento significativo da qualidade em castas tintas.

No Baixo Mondego, estão concluídas as vindimas. Tanto as uvas brancas como as tintas apresentaram boa qualidade, mas, pouco rendimento com uma quebra na produção significativa.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a vindima está terminada. A fase final do ciclo foi célere, com um amadurecimento rápido que obrigou a uma antecipação da colheita. No geral, os viticultores indicaram maior quantidade de cachos face a 2024, assim como, boa qualidade fitossanitária. O grau alcoólico tende a ser alto, pela alta concentração de açúcar que se verificava.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a colheita dos brancos está praticamente finalizada, os tintos estão a começar a vindima.

No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões, as vindimas decorreram com normalidade. As elevadas temperaturas e a reduzida humidade do solo registado no mês de agosto provocaram casos pontuais de escaldão, bem como ocorreram ataques de míldio. Na região do Alto Dão Lafões, mais concretamente, na zona de Silgueiros, os incêndios afetaram aproximadamente 2 ha de vinha. A produção da uva para vinho, ao contrário do que inicialmente se previa, apresenta uma diminuição que pode chegar aos 10%, contudo, a qualidade é boa, as uvas apresentam, em geral, bom equilíbrio entre acidez e teor de açúcares, o que é promissor para a qualidade dos vinhos. A uva de mesa, também teve uma diminuição de cerca de 10% na produção, embora a uva de mesa não tenha uma área expressiva, sendo maioritariamente para consumo caseiro.

No Pinhal Sul, as vindimas estão a terminar, a produção é superior à verificada em 2024, muito por terem sido controlados os ataques de míldio e oídio.



Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, na vinha apesar de haver explorações com maior quantidade de uva relativamente ao ano anterior, no geral, a produção foi inferior. A diminuição da produção foi devida a ataques de míldio, mas também à menor formação de cachos resultantes da diferenciação floral. Os javalis também já atacam as vinhas contribuindo para reduções nas produções.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, ainda decorrem as vindimas. As vinhas que não foram regadas apresentam um fraco estado vegetativo, com as uvas com bagos pequenos e a secar devido ao escaldão. Algumas vinhas foram afetadas pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogêneas, calculando-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a vinha foi fortemente devastada pelos incêndios, essencialmente vinhas estremes localizadas na parte norte do concelho da Guarda. As vindimas, decorreram na sua maioria ao longo deste mês, estimando-se o seu termo em meados de outubro, em ambas as zonas homogêneas. Para além dos

incêndios, os ataques de míldio ocorridos em meses anteriores, tiveram consequências graves em vinhas não tratadas ou onde os tratamentos realizados não foram oportunos, assim como, o efeito do escaldão, ditaram em termos gerais, uma diminuição da produtividade em cerca de 15%, face ao ano anterior.

• Outros pomares

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do medronho, mesmo sendo resiliente e bem-adaptada a condições extremas, não teve um ciclo cultural favorável, situação que foi sendo reportada em anteriores relatórios. Já se iniciou a colheita do fruto, verificando-se baixos calibres e pouco teor de açúcares (ondas de calor reflectiram-se num amadurecimento rápido, mas, de baixa qualidade), sobretudo nas zonas mais secas. As plantas mais atrasadas e com o fruto ainda verde, poderão beneficiar com alguma precipitação, caso esta ocorra nas primeiras semanas de outubro. Também já se iniciou a colheita das restantes frutas de outono, nomeadamente o diospiro e a romã.



6-e - Culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol. Estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspectos de quantidade.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, iniciaram-se as colheitas de arroz, mas ainda, de forma muito residual. Os arrozais apresentam bom desenvolvimento vegetativo, tendo ocorrido algum acamamento devido à tempestade Gabrielle, que não irá prejudicar as futuras colheitas. As sementeiras mais tardias

apresentam atraso nas colheitas.

No Baixo Vouga, a cultura do arroz encontra-se na fase de colheita em alguns locais, contudo, os produtores da zona do Baixo Vouga e Cértima queixam-se da grande quantidade de infestantes nos arrozais, prevendo-se produtividade e qualidade semelhantes ao ano anterior.

No Pinhal Litoral, estima-se uma produção idêntica à do ano passado.

• **Feijão, grão-de-bico, outras**

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as condições foram boas para maturação e secagem do feijão. Estima-se uma produção de feijão e grão-de-bico igual à do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do chícharo, leguminosa com alguma expressão na zona, teve também uma sementeira tardia. A somar a este facto, os picos de calor e a ausência de precipitação, condicionaram o desenvolvimento da cultura, tendo o crescimento da planta ficado muito aquém do que seria expectável. Terrenos houve em que o agricultor descartou mesmo a colheita, por não ter havido desenvolvimento da planta.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, estas culturas mantiveram as áreas e apresentam um aspeto normal. As produtividades tanto do feijão como do grão de bico estimam-se idênticas ao ano anterior em ambas as zonas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, tanto o feijão como o grão-de-bico encontram-se em fase de maturação final ou já completamente secos. No geral, a colheita já foi realizada, contudo, ainda há algumas zonas, onde a colheita está a decorrer. As temperaturas elevadas provocaram uma germinação irregular e nos locais mais secos, algumas plantas morreram. Embora a área semeada seja idêntica à do ano passado, a previsão de produção para o feijão é inferior e cerca de 5%, sem variação no grão.

No Pinhal Sul, o feijão frade foi semeado em solos de aluvião, já um pouco tarde, contudo, teve uma boa germinação, mas, na fase de floração as temperaturas muito elevadas, provocaram um aborto nas flores, perdendo-se grande parte da produção. O grão de bico está quase no final da maturação.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a colheita do feijão, na sua maioria feijão frade, está a decorrer, apontando-se para produtividades superiores ao ano anterior, apesar de haver algumas referências à perda de flores (e consequentemente de produção) provocada pelo calor extremo do mês de agosto. A qualidade é boa. O grão-de-bico foi colhido, o valor da produtividade situa-se ao nível da do ano anterior.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a produtividade do feijão frade foi muito semelhante à do ano de 2024.

• **Milho**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, estão a terminar as colheitas de milho silagem, verificando uma quebra na produção em relação ano passado. A colheita de milho grão está atrasada, o que deverá ocorrer dentro de 3 a 4 semanas.

No Baixo Vouga, a colheita do milho grão já teve início nas variedades de ciclo curto, prevendo-se resultados iguais aos do ano passado em relação à produtividade e área. Os pequenos agricultores da região optaram por cultivar menos área, resultado da descida de preço do último ano no mercado nacional, que ronda os 0,20 €/kg.

No Pinhal Litoral, o milho em sequeiro regista uma produção semelhante ao ano passado. Quanto ao milho em regadio, prevê-se boa produtividade no milho grão, com uma produção idêntica ao ano passado. Persistem os casos de prejuízos provocados pelos javalis.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os poucos agricultores que ainda semeiam alguns terrenos com milho, não tiveram sucesso com a cultura nesta campanha. A cultura viu a sua sementeira ser muito

tardia devido ao excesso de água nos solos durante a primavera. Além de temperaturas relativamente baixas no início do ciclo, a ausência de precipitação na fase mais adiantada do ciclo cultural e o calor extremo, acentuaram o fraco desenvolvimento vegetativo. Nesse sentido, alguns agricultores abdicaram da colheita, encaminhando a matéria verde para alimentação do gado. Nos milheirais que se mantiveram, já se atingiu a maturidade fisiológica e foi cortada a cana, mas a produção foi limitada, servindo mais para garantir semente para a próxima campanha do que para consumo.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as áreas de milho diminuíram. Encontra-se na fase de grão vítreo, em colheita e, apesar de não ter havido dificuldade em água para rega, as espigas estão mal cheias, talvez devido às grandes amplitudes térmicas diárias, frustrando-se a expectativa de um aumento de produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o milho apresenta-se na fase fenológica reprodutiva, com colmos altos, espigas em formação e folhas já maduras. Há locais onde a colheita já foi feita e as espigas já se encontram nas lages a secar. As condições climáticas tanto na altura das sementeiras como depois, provocaram um défice no nascimento, causando uma ligeira diminuição de produtividade (5%) no milho regional de sequeiro, face ao ano anterior. Em relação ao milho de regadio, a previsão de produção é idêntica ao ano anterior. Há a registar a destruição de algumas plantações de milho, pelo ataque dos javalis.

No Pinhal Sul, o milho grão de regadio já colhido teve uma produção superior à do ano anterior.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a colheita do milho está a decorrer, a produtividade é normal, semelhante ao ano anterior.

Na Serra da Estrela e na Cova da Beira, o milho híbrido para grão apresenta bom desenvolvimento, encontrando-se o de ciclo mais curto (FAO 300) pronto para ser colhido e os de ciclo mais longo (FAO 500), na fase final de enchimento do grão/início da maturação. Conforme referido no relatório anterior, os milhos forrageiros de sequeiro e regadio, o sorgo e a erva do sudão de regadio tiveram todos um desenvolvimento normal para a época, atendendo às condições climáticas. Nas áreas de sequeiro a germinação foi mais heterogénea. As áreas não sofreram grandes alterações.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as culturas de regadio apresentam bom estado vegetativo, o que não acontece no sequeiro. As colheitas decorrem normalmente esperando-se boa produção e qualidade.

• Tomate para indústria

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, com uma produtividade cerca de 115 ton/ha, houve uma diminuição de 40% da área plantada /abandono da cultura, relativamente ao ano passado.

• Disponibilidade de água

De um modo geral, não foi registado nenhum reporte de problemas com a de água para rega e abeberamento dos animais.





9-d – Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a campanha da batata deste ano não foi rentável, como já foi descrito e justificado com pormenor no último relatório. Estamos perante um ano de campanha da batata nacional de grande prejuízo para os produtores, com uma diminuição de produção e um aumento dos custos de produção. As importações aumentaram criando dificuldades acrescidas ao escoamento da produção nacional, obrigando os produtores a vender o seu produto a preços que não cobrem os custos de produção. De facto, os 0,20€/kg pagos à produção não cobrem, de todo, os custos de produção, o que será negativo para a próxima campanha, devendo refletir-se numa diminuição da área de cultivo.

No Baixo Mondego, as colheitas de batata de sequeiro estão concluídas, com baixo calibre e menores produções em relação ao ano passado. Na batata de regadio, as colheitas estão praticamente concluídas, apresentando igualmente calibres e produções inferiores ao ano passado.

No Pinhal Litoral, quer na batata de sequeiro quer de regadio, registam-se fracas produções e calibres baixos.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura da batata não fugiu ao que se tem sucedido com outras culturas de sequeiro, indicando os agricultores que a colheita foi inferior ao normal, com poucos tubérculos por planta e pouco desenvolvidos. As dificuldades do ciclo começaram na plantação devido ao excesso de humidade nos solos - nalguns casos as condições meteorológicas obrigaram mesmo à replantação. A presença de mildio e a dificuldade em controlar a doença durante o desenvolvimento vegetativo, condicionou igualmente o bom desenvolvimento da cultura. Os picos de calor que atingiram a zona podem também ter interferido com os calibres da batata, ao criarem compactação do solo e limitando o crescimento do tubérculo. De referir que mesmo tendo sido difícil preparar os terrenos, não houve diminuição das áreas, visto ser uma cultura tradicional na zona e habitualmente com boas produções. Ainda assim, a presença do javali neste território condiciona por completo a pretensão dos agricultores em aumentar as áreas da cultura.

Nas zonas homogéneas do Alto Mondego e da Beira Serra, a batata de regadio está colhida tendo mantida os valores da produtividade, mas diminuído o calibre e a qualidade dos tubérculos, que aparecem defeituosos e com a pele danificada o que evidencia já fraco poder de conservação. A de sequeiro, colhida, apresentou boa produtividade e qualidade.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a colheita da batata está concluída. A área semeada de

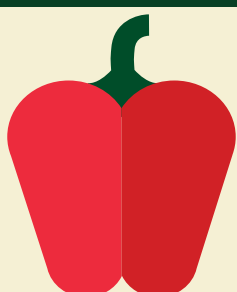
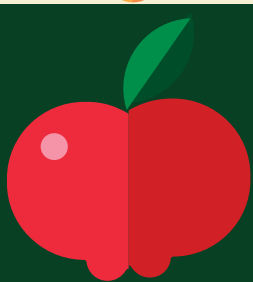
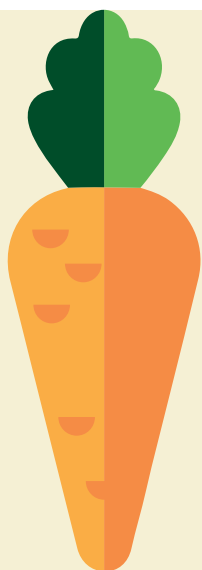
batata de sequeiro foi igual ao ano anterior, quanto à batata de regadio a área foi ligeiramente superior 10%.

No Pinhal Sul, a produção da batata de sequeiro foi inferior à de 2024, mas ligeiramente superior na batata de regadio. Quanto à qualidade, os produtores queixaram-se que a batata armazenada está a apodrecer.

Nas **zonas do interior**, em Riba e Cimo Côa, está praticamente terminada a colheita da batata, quer de sequeiro quer de regadio, tendo decorrido normalmente, embora um pouco atrasada, pois a plantação também o foi. Tudo aponta para um ano normal em termos de rendimento e qualidade.

Nas zonas homogéneas da Serra da Estrela e da Cova da Beira, a cultura da batata de sequeiro, ainda efectuada na Serra da Estrela, decorreu normalmente, com produções muito idênticas às do ano anterior. A batata de regadio, está totalmente arrancada na Serra da Estrela e cerca de 75% arrancada na Cova da Beira. A qualidade é boa.

Na Campina e Campo Albicastrense, a batata de sequeiro está colhida. A produção foi idêntica ao ano anterior, mas a área baixou. Na batata de regadio já colhida o rendimento foi semelhante ao ano anterior e dentro dos valores habituais para a zona homogénea, com bons tubérculos e calibres.



ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)			
				01 a 30/09	01 a 30/09	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	61,4	12	26,6	8,6	17,2	
		Anadia	Árcos	48,4	7	27,1	11,3	18,3	
	Baixo Mondego		Pedralves	-	-	-	-	-	
		Cantanhede	Popo Lobo	60,0	19	25,8	10,8	17,6	1.00
		Soure	Moinho de Almocharife	49,6	7	25,3	12,4	18,2	1.00
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	48,4	4	27,0	12,2	18,6	1.00
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	119,4	5	25,8	12,3	18,4	1.00
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	54,2	4	26,9	11,0	17,9	1.00
	Pinhal Litoral	Batalha	Brancoas	42,6	7	26,8	10,9	18,1	
		Leiria	Azóia	17,8	6	25,1	13,2	18,3	
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-	
			Alcaria	0,0	0	27,6	11,7	18,5	
		Pombal	Abiul	43,6	6	27,9	12,8	19,0	
Leiria		Pegueira de Pontes	1,0	4	25,4	11,3	17,8		
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	34,2	5	31,9	9,1	19,2	
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-	
		Ansião	Freixo	1,0	3	27,1	11,9	18,4	
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vinícolas	17,4	5	28,1	12,5	19,1	
	Alto Dão-Lalões	Viseu	Estação Agrária	0,6	3	26,9	9,9	17,7	
	Baixo Dão	Tondela	Quinta das Tílias	51,6	6	29,1	11,0	19,2	
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	5,0	4	28,3	11,3	19,0	
	Pinhal Sul	Sertão	Cernache	38,4	5	27,2	10,5	18,2	
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	31,8	4	29,7	14,7	21,3	
		Oleiros	Oleiros	23,4	4	26,2	11,9	18,2	
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	13,0	2	29,8	10,4	19,8	
		Pinhel	Pinhel	5,2	4	27,9	6,6	17,2	
		Trancoso	Trancoso	33,2	5	28,3	11,2	18,9	
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	8,4	4	27,3	8,3	17,4	
		Guarda	Relvas	12,4	3	27,9	9,8	18,5	
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	25,4	5	25,9	8,1	16,4	
		Almeida		5,8	5	25,9	10,1	17,8	
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	13,2	4	26,5	6,6	18,4	
		Covilhã	Lamaçais	16,4	3	29,5	9,3	18,9	
		Fundão	Beijo	-	-	-	-	-	
			Alcorgosta		3,2	2	26,3	13,1	18,9
	Campina e Campo		Fadagosa	10,2	3	29,3	12,6	20,6	
		Idanha-a-Nova	Várzea	11,8	4	31,5	10,9	21,1	
		Penamacor	Assoo. B. Cova Beira	12,4	3	28,6	9,6	18,8	

Fonte: ESTAD. - J. G. R. - SETEMBRO

14/09/2025

** 4.11.2025 (2025)

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROGRÁFICOS														
03/10/2025														
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm³	Vol. morto - hm³	Vol. útil - hm³	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7		
						Cota atual	Atual (hm³)	Última leitura (hm³)	Variação (hm³)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm³	%	Descargador de Cheias	Descarga de fundo
Anadia	Ponteiro	104,00	0,102	0,004	0,098	101,07	0,063	0,063	0,000	↑ 61,8%	0,059	60,3%	não	não
Castelo Branco	Maguelha	353,50	0,134	0,000	0,134	352,50	0,107	0,108	-0,001	↓ 79,9%	0,107	79,9%	não	não
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermosa	684,80	2,200	0,050	2,150	682,60	1,172	1,260	0,088	↓ 53,3%	1,122	53,3%	não	não
Mortágua	Maceira	143,63	0,946	0,026	0,920	141,60	0,749	0,759	-0,010	↓ 79,2%	0,723	79,2%	não	não
Oliveira do Frades	Peneiras	482,00	0,120	0,005	0,116	475,77	0,011	0,012	-0,001	↓ 9,2%	0,007	9,2%	não	não
Pinhel/Trancoso	Bouça Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	573,50	2,978	3,062	0,084	↓ 61,2%	2,795	61,2%	não	não
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	799,23	0,521	0,548	-0,027	↓ 61,0%	0,317	61,0%	não	não
Vila Velha do Ródão	Acefal	132,60	1,746	0,000	1,746	108,82	1,122	1,119	0,003	↑ 64,3%	1,122	64,3%	não	não
Vila Velha do Ródão	Coutado/Tamajais	131,00	3,891	0,591	3,300	125,50	1,897	1,638	0,259	↑ 48,7%	1,306	48,7%	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	545,63	0,481	0,482	0,001	↓ 81,6%	0,448	81,6%	não	não
			15,449	1,095	14,354	9,101	9,050			60,0%	8,006	58,9%		

Observações:

n.º. (não aplicável) - barragem sem volume de descarga do caudal ecológico, Calde e Costada, por exemplo, possuem os caudais ecológicos com outras origens de água que fluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: ODRC/DGHR



WWW.CCDRC.PT

